

Elenor Kunz

TRANSFORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

do



9^a Edição



Editora UNIJAI

Coleção Educação Física

Elenor Kunz

TRANSFORMAÇÃO
DIDÁTICO-PEDAGÓGICA
do
ESPORTE

9ª Edição



Editora UNIJUI

Ijuí
2020

©1994, Editora Unijuí

Editor

Fernando Jaime González

Diretor Administrativo

Anderson Konagevski

Capa

Elias Ricardo Schüssler

Desenhos

Pablo Rodrigues Pinheiro

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa

**Editora Unijuí da Universidade Regional
do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul
(Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)**

Primeira edição: 1994

Segunda edição: 1998

Terceira edição: 2000

Quarta edição: 2001

Quinta edição: 2003

Sexta edição: 2004

Sétima edição: 2006

Reimpressão: 2009

Reimpressão de acordo com a nova ortografia: 2010

Oitava edição: 2014

Reimpressão: 2016

Nona edição: 2020



Rua do Comércio, 3000
Bairro Universitário
98700-000 – Ijuí – RS – Brasil



(55) 3332-0217



editora@unijui.edu.br



www.editoraunijui.com.br



fb.com/unijuieditora/

Catálogo na Publicação:

Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

K96t

Kunz, Elenor

Transformação didático-pedagógica do esporte [recurso impresso e eletrônico] / Elenor Kunz. 9. ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2020. – 160 p. – (Coleção educação física).

Formato impresso e digital.

ISBN 978-65-86074-44-4 (impresso)

ISBN 978-65-86074-45-1 (digital)

1. Educação física escolar. 2. Didática. 3. Ensino. 4. Esportes. 5. Pedagogia. 6. Movimento humano. I. Título. II. Série.

CDU: 796.4:37.02

796.4:371.3

37:796.4

Bibliotecário Responsável

Eunice Passos Flores Schwaste

CRB10/2276

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



A coleção Educação Física é um projeto editorial da Editora Unijuí, vinculado a um conselho editorial interinstitucional, que visa dar publicidade a pesquisas que buscam um constante aprofundamento da compreensão teórica desta área que vem constituindo sua reflexão conceitual, bem como os trabalhos que garantam uma maior aproximação entre a pesquisa acadêmica e os profissionais que encontram-se nos espaços de intervenção. Promover este movimento é sem dúvida o maior desafio desta coleção.

Conselho Editorial

Carmen Lucia Soares – Unicamp
Mauro Betti – Unesp/Bauru
Tarcisio Mauro Vago – UFMG
Amauri Bassoli de Oliveira – UEM
Giovani De Lorenzi Pires – UFSC
Valter Bracht – Ufes
Nelson Carvalho Marcellino – Unicamp
Paulo Evaldo Fensterseifer – Unijuí
Vicente Molina Neto – UFRGS
Elenor Kunz – UFSC
Victor Andrade de Melo – UFRJ
Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

Comitê de Redação

Paulo Evaldo Fensterseifer
Fernando Jaime González
Maria Simone Vione Schwengber
Leopoldo Schonardie Filho

| SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO:	
Transformação Didático-Pedagógica do Esporte 20 Anos Depois	13
INTRODUÇÃO	21
UMA PEDAGOGIA CRÍTICO-EMANCIPATÓRIA E UMA DIDÁTICA COMUNICATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ..	25
Análise da Concepção de Ensino e Esportes nas Novas Propostas Metodológicas para a Educação Física Escolar	25
As Mudanças Didáticas em Desenvolvimento	27
Da Teoria Crítica à Teoria Instrumental.....	30
Pedagogia Crítico-Emancipatória e Didática Comunicativa: um <i>Playdoyer</i> para um Projeto Utópico no Ensino dos Esportes	38
A Competência Objetiva, Social e Comunicativa.....	47
EXCURSO:	
As Dimensões Inumanas do Esporte de Rendimento	53
O Treinamento Especializado Precoce	54
O <i>Doping</i> no Esporte de Rendimento.....	59
Conclusão: o Talento Esportivo na Escola.....	64
O FENÔMENO ESPORTIVO ENQUANTO REALIDADE EDUCACIONAL ..	67
O Esporte Enquanto Objeto de Ensino com Finalidades Educacionais.....	74

O ESTUDO DO MOVIMENTO HUMANO	79
As Diferentes Interpretações do Movimento Humano	79
O Interesse na Análise do Movimento nos Esportes	82
O Interesse na Análise do Movimento na Aprendizagem Motora.....	86
O Interesse na Análise do Movimento na Dança	91
O Interesse na Análise do Movimento pelas Atividades Lúdicas: Brinquedo e Jogo	93
O Interesse Pedagógico-Educacionalno Movimento Humano	98
 OS INTERESSES DA EDUCAÇÃO FÍSICA	
NO ENSINO DO MOVIMENTO	105
O Objetivo Fator <i>Subjetividade</i>	107
 REFLEXÕES DIDÁTICAS A PARTIR DE PRÁTICAS CONCRETAS	115
A Transformação Didático-Pedagógica dos Esportes	122
Situações de Ensino	127
Possibilidades Didáticas por meio de: Trabalho, Interação e Linguagem.....	134
Atendendo ao Interesse Crítico-Emancipatório do Ensino	136
Concluindo: Minha Utopia Concreta.....	145
 TRANSFORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO ESPORTE:	
Contribuições Para a Liberdade e a Criatividade	147
Novo Elemento Para a Valorização da Imprescindível Necessidade da “Transformação Didático-Pedagógica do Esporte”: Criatividade	149
Sugestões.....	152
 REFERÊNCIAS.....	155

| PREFÁCIO

Nas páginas a seguir procuro apresentar uma proposta didático-pedagógica para a Educação Física Escolar centrada no ensino dos Esportes, sem contudo desmerecer outras objetivações culturais que se expressam pelo movimento humano e que também são e devem ser utilizadas como conteúdos relevantes para a prática pedagógica da Educação Física.

Este trabalho nasceu de reflexões iniciais contidas na minha primeira publicação, mais especificamente no livro *Educação Física: Ensino & Mudanças* (1991), onde foram lançadas algumas bases teóricas e perspectivas práticas para o ensino da Educação Física com compromissos pedagógico-educacionais e possibilidades de transcender a instrumentalização para uma mera atividade prática do ensino, no âmbito das objetivações culturais do movimento humano.

Ao longo dos últimos anos, no entanto, com o avanço dos estudos nas ciências da educação e, especialmente, na *teoria crítica da sociedade*, da Escola de Frankfurt – que resultou, inclusive, num seminário oferecido aos mestrandos em Educação da UFSC, com o tema “teoria crítica na Educação” –, além de inúmeras participações em encontros, seminários, congressos e cursos de especialização na área da Educação Física, senti a necessidade de apresentar publicamente estas reflexões/produções. Assim, o intuito principal é de contribuir com os profissionais que se dedicam à Educação Física na realidade escolar e que buscam uma constante atualização de seus conhecimentos.

Trata-se, portanto, de um trabalho com a finalidade de contribuir nos avanços das reflexões/produções didático-pedagógicas da Educação Física, sem grandes pretensões em relação à solução dos problemas nessa área, muito menos dos problemas da sociedade e do mundo.

Como o trabalho se dirige, basicamente, aos profissionais que atuam concretamente na realidade prática da Educação Física, não me preocupei com o aprofundamento das questões epistemológicas e político-sociais presentes nas práticas pedagógicas e, portanto, também na Educação Física. Isso não significa que tais questões careçam de importância quando um trabalho didático-pedagógico se destina aos profissionais da prática e não aos “cientistas das academias”. Considero, apenas, que já existe uma boa quantidade de trabalhos que avançaram bastante nessas questões e não tenho certeza se poderia acrescentar algo a esse respeito.

Por outro lado, apesar de o trabalho se apoiar nas produções teóricas da área com propósitos de denúncia e de crítica das atuais condições e concepções do ensino da Educação Física Escolar, meu principal propósito é anunciar e estimular mudanças reais e concretas, tanto na concepção de ensino, de conteúdo e de método, como nas suas condições de possibilidade, na prática pedagógica. Trata-se de aceitar e entender o “pessimismo teórico” presente nos trabalhos de tendência crítica em Educação Física hoje, para se alcançar um “otimismo prático” com reais possibilidades de mudanças na prática pedagógica da mesma.

Tentei evitar, neste trabalho, o uso de determinados conceitos muito usados ultimamente por todos que já tiveram algum contato com a nova “tendência” da Educação Física. Para muitos, diria até que esses conceitos, na maioria das vezes utilizados como “categorias”, passam a ser um exagero de expressão semântica para o esclarecimento de determinadas situações, pelo discurso. Esses “discursos críticos”, especialmente as repetições de clichês “buco-verbais” de determinados conceitos ou categorias, não passam mais por uma reflexão, um questionamento, ou seja, por um processo intelecto-racional. Isso não significa que estivesse discordando com o conteúdo, a procedência teórica e a relevância científica desses conceitos para o esclarecimento/desvelamento da área. Também não pretendo, com isso, abolir totalmente esses conceitos; eles continuam tendo significado muito importante para a área. No entanto, embora tenha sido extremamente difícil e às vezes talvez tenha caído no simplismo, tentei evitar

falar de “corpo/corporeidade”, “paradigma”, “dialética”, “projeto histórico”, ou frases do tipo “Educação Física enquanto veículo de transmissão da ideologia do capitalismo dominante” ou “Ensino da Educação Física enquanto fator de alienação e opressão”. Essas frases se constituem hoje num marco histórico da fase de denúncia, mas o seu uso e abuso pode ser comparado à famosa frase dos “políticos em campanha” e suas anunciações salvadoras, como “retomada do desenvolvimento nacional”. É apenas uma questão de linguagem. Aliás, refiro-me com grande ênfase, desde o início do trabalho, às questões da linguagem, da comunicação, mas a linguagem e a forma de comunicação são, também, muito importantes para as intenções de expressar minhas ideias de forma clara e transparente, sem contudo valer-me de expressões e conceitos já por demais conhecidos, melhor dizendo, talvez, por demais utilizados na área.

Por último, procuro fazer neste livro uma ampla reflexão sobre a possibilidade de ensinar os esportes pela sua “transformação didático-pedagógica” e de tornar o ensino escolar uma educação de crianças e jovens para a competência crítica e emancipada. Para fazer essa reflexão não procurei interpretar, diretamente, autores e expor suas ideias, mas realmente expor minhas ideias a partir de algumas leituras e muitas discussões com colegas e estudantes, com a finalidade de redimensionar o sentido educacional e as formas práticas de se ensinar Educação Física e Esportes.

Florianópolis, junho de 1994.

Elenor Kunz

APRESENTAÇÃO

TRANSFORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDEGÓGICA DO ESPORTE 20 ANOS DEPOIS

Neste ano de 2014 em que estamos lançando a 8ª edição, com 3 reimpressões, do livro *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*, comemoramos exatamente 20 anos desde a primeira edição, em 1994.

Como autor, destaco não apenas a enorme aceitação da obra, pela classe profissional de Educação Física no país, comprovado pelo grande número de edições, mas especialmente sua utilização nomeadamente em escolas e universidades. Nesta utilização destaca-se não apenas a sua transposição didática para a sala de aula do professor de Educação Física, mas, principalmente a sua reinterpretação e reinvenção na prática por meio da adoção em novas modalidades esportivas não destacadas nesta obra, como no caso com voleibol, futsal, basquete e outras. Destaco também sua abrangente utilização em cursos de formação profissional de Educação Física, bem como nos programas de Pós-Graduação. A partir destes últimos, especialmente em cursos de Mestrado e, não apenas na Educação Física, resultaram em inúmeros artigos publicados nas mais renomadas revistas brasileiras e mesmo no exterior. E, para finalizar, é notório e de certo ponto surpreendente o número de vezes que essa obra foi e vem sendo utilizada para questões de concursos públicos desde a contratação de professores até para questões de concursos para ingresso em programas de Pós-Graduação.

Esta obra trata da reinvenção do esporte olímpico e tradicionalmente conhecido e divulgado pela mídia por meio de uma “transformação didático-pedagógica” do mesmo, para que sirva melhor aos propósitos

pedagógicos da escola, conforme as mais modernas pedagogias em curso. Existe, porém, uma dificuldade crescente no contexto dos profissionais de Educação Física em intentar com esse propósito na escola, pois com as modernas tecnologias que tudo alcançam as mídias, especialmente televisão, conseguem com seus avanços tecnológicos copiar a realidade e mostrá-la mais bonita e atraente do que ela realmente é. Então isso atinge também principalmente o esporte. É o esporte mostrado na televisão por meio de imagens espetaculares em HD ou 3D que cativa e fascina tanto crianças e jovens atualmente.

Os professores de Educação Física nas escolas ensinam as crianças e jovens a “se-movimentarem” melhor a partir de um leque de ofertas de atividades da cultura de movimento, entre os quais é praticamente obrigatório dar um destaque especial ao esporte. Então ele fica na dúvida em oferecer o esporte nos moldes do treinamento esportivo como é conhecido no esporte de competição ou alterar sua forma e conteúdo para ser um esporte mais adequado para as características físicas e psicológicas das crianças e jovens escolares.

A maioria dos professores mais jovens que atuam nas escolas atualmente, por disporem de mais conhecimentos sobre valores pedagógico-educacionais presentes no ensino e movimento, esportes e jogos para crianças e jovens – há 30 anos este enfoque pedagógico praticamente não existia – encontram-se na maioria das vezes num conflito muito grande, ou seja, ensinar os esportes com perspectivas pedagógicas para a formação mais plena ou então, atendendo aos apelos da mídia e que as crianças e jovens muito bem conhecem e muitas vezes exigem, formar a criança para o esporte como ele é conhecido nestes meios. Formar a criança e o jovem para o esporte conhecido pelos meios de comunicação, como a televisão, não significa que todos tenham de ser transformados em atletas, mas sim, e muitas vezes preferencialmente, como consumidores. A oferta de esportes pelos meios de comunicação como a televisão é muito grande e logo, precisam de consumidores e para se tornar um deles a pessoa necessita de

conhecimentos mínimos de cada modalidade oferecida. Se a escola ensinar esse conhecimento de um modo crítico é ótimo e até necessário atualmente, porém não é o que acontece na maioria das vezes.

Este livro, *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*, surgiu na verdade como um complemento de minha Tese de Doutorado e publicada, pela mesma editora deste, com o título de *Educação Física: Ensino e Mudanças* e ambos constituem, juntamente com outros escritos, não apenas meus, mas de colegas e orientados do Mestrado e Doutorado, a proposta pedagógica para a Educação Física conhecida como “Crítico-Emancipatória”. É necessário explicar isso porque a obra sendo lida separadamente, ou seja, conhecendo apenas esta obra pode dar a impressão de que ela se ocupa somente com a questão do *como* ensinar na Educação Física, ou como ensinar os esportes de um modo diferente, no caso. Tanto ou mais importantes que o *como* ensinar são as respostas as perguntas *o quê* e *para quê* ensinar. A resposta à pergunta *o quê* ensinar em Educação Física encontra-se em parte respondida na concepção teórica que comecei a desenvolver na tese sobre o tema do Movimento Humano, ou seja, uma teoria para o Se-Movimentar Humano. E a pergunta *para quê* também encontra uma resposta nos conceitos de Educação e de Movimento Humano, desenvolvidos na obra já citada, mas também, em muitos outros escritos desde 1988, quando publiquei meu primeiro artigo na Revista Contexto & Educação da Unijuí com o título: *Esporte como fator determinante das aulas de Educação Física*.

Retomo, portanto, para esta ocasião e com base numa importante obra do holandês Peter Heinj (2006) sobre o tema da responsabilidade ético-pedagógica do ensinar em Educação, especialmente ensinar movimentos para crianças e jovens, a questão do *o quê*, *para quê* e *como* ensinar em geral e na Educação Física.

Para o autor, *o quê* ensinar deve se referir aos objetivos de ensino ou seja, a tudo que se pretende alcançar com o ensino, no caso da Educação Física, de forma imanente – saúde, competência esportiva, etc., e transcendente – autoconhecimento, relacionamentos socioculturais, etc.

A pergunta *para quê* deve se referir então às perspectivas mais amplas do ensinar. *para quê* realmente ensinamos Educação Física nas escolas? Essa questão me parece, embora toda a abrangência e profundidade teórica que nossos colegas de pesquisa e estudos sobre o tema da Educação Física nas Ciências Humanas e Sociais estão a desenvolver, está ainda mal-respondida. Para professores que atuam nas escolas uma resposta simples e óbvia os satisfaz em geral, ou seja, ensina-se para o fomento à saúde e à competência esportiva ou uma ou outra ou as duas concomitantemente.

Enfim, a pergunta *como* nos remete aos caminhos pelos quais os objetivos de ensino podem ser alcançados. Como se dá uma aula de Educação Física e que embora simples é de uma complexidade tremenda se olharmos apenas sob a questão da ética pedagógica, por exemplo.

Enfim, as questões anteriores foram apresentadas de forma simples e resumida, na verdade todas elas se sobrepõem e estão inter-relacionadas, uma depende da outra. Por exemplo, se respondo simplesmente com esportes à primeira pergunta, *o quê* ensinar, isso já implica ao mesmo tempo e obrigatoriamente respostas para as questões *para quê?* e *como?*

Ultimamente nossas pedagogias da Educação Física têm se ocupado muito pouco com as questões que apresentei anteriormente. Esse talvez seja um dos motivos pelos quais os profissionais que atuam na prática se queixem de certo abandono dos intelectuais da área. As pesquisas nos programas de Pós-Graduação em Educação Física dificilmente se ocupam com questões da “sala de aula” do professor. Há registros como as pesquisas de Fensterseifer (2008) sobre a questão dos desafios da Educação Física Escolar, de que os profissionais de Educação Física no Brasil encontram-se numa espécie de encruzilhada entre o “não mais” e o “ainda não”. Ou seja, interpretado à luz das questões anteriores pode se entender que o profissional de Educação Física *não se encontra mais* naquela certeza inquestionável do *o quê* ensinar, sem necessidade de se ocupar com a questão do *para quê* e a questão do *Como* era facilmente respondida pela cópia irrefletida do ensino dos esportes fora do contexto escolar, ou seja, do esporte de

competição que tem a instrução e treino como ferramentas pedagógicas (?) de trabalho. Neste caso a pergunta *O Quê* era respondida com o ensino dos esportes a todas as crianças e jovens do contexto escolar. E por outro lado a grande quantidade de produções teóricas para a Educação Física, além de fragmentados em áreas muito específicas e que na maioria das vezes diz pouco respeito às práticas pedagógicas da escola, são de uma profundidade teórica inacessível para o profissionais da prática, constituindo apenas ótimos trabalhos para servir de citação em novos trabalhos teóricos a nível de Mestrado e Doutorado dos programas de Pós-Graduação no país. Por isso a expectativa do “ainda não” ou seja, a prometida renovação da Educação Física brasileira pelos profissionais que ingressaram nas Ciências Humanas e Sociais para fundamentar e legitimar pedagógica e educacionalmente o ensino, ainda estão devendo ao profissional da prática propostas mais objetivas, renovadas e em conformidade com as questões do contexto situacional, material e individual do ensino de Educação Física Escolar.

O ensino da Educação Física Escolar deve ser considerado parte do conjunto pedagógico-educacional que integra a Educação Escolar. Assim como a educação ele tem o compromisso de fomentar o desenvolvimento de um “campo existencial” e de determinadas competências aos seus alunos. Por isso é possível afirmar que à Educação Física cabe um papel importante e especial no fomento destas duas qualidades humanas que pretendo esclarecer um pouco mais.

Peter Heij na obra anteriormente citada menciona que “abrir e ampliar” um campo existencial de crianças e jovens é tarefa das mais importantes e que compete a todos os profissionais da educação. Esse campo existencial pode ser entendido como uma soma de relacionamentos adquiridos pela aprendizagem e pelas experiências e que não é constante, mas muda de acordo como as questões educacionais do *o quê, para quê e como* são respondidos no contexto das aprendizagens. É claramente influenciado também pelo próprio avanço de aprendizagens e do contexto sociocultural em que as aprendizagens se efetivam para as crianças e jovens. Esse campo existencial, portanto é um modo de existir e que pode ser ampliado ou

reduzido de acordo com as experiências de vida. Por exemplo, experiências frustrantes que ocorrem muito no ensino dos esportes, conforme visto neste livro, podem reduzir o campo existencial do aluno. Por isso é preciso evitar o fracasso ou a derrota constante no ensino dos esportes.

Esse campo existencial também pode ser entendido como o mundo de significações que envolve todo um viver existencial de pessoas. Peter Heinj exemplifica bem o campo existencial de uma pessoa quando o compara com uma Mancha de óleo. Algumas vezes ou em alguns lugares ela se expande mais pelo chão, em outros casos ou lugares menos. Assim é possível comparar o campo existencial de crianças e jovens no ensino dos esportes. Por exemplo, algumas têm sua mancha bem ampliada, outras não, mas o contrário pode acontecer, por exemplo, com o ensino da Matemática, ou seja, as crianças e jovens que têm um campo existencial bem ampliado no ensino da Educação Física podem ter o mesmo bem reduzido no ensino da Matemática e vice-versa.

Cada um tem, portanto, sua mancha de óleo, seu campo existencial, e depende muito do pleno desenvolvimento individual de cada um. Cada pessoa, assim, tem um campo existencial próprio. O ensino e também na Educação Física deve servir, portanto, para abrir e ampliar campos existenciais e para muitas direções.

As possibilidades potenciais, bem como as diferentes direções que podem ser tomadas para um campo existencial são especialmente determinadas pelas condições estruturais individuais e condicionadas pelo contexto sociocultural. As possibilidades de abrir e ampliar o campo existencial de uma pessoa, porém, são fortemente determinadas pelas múltiplas experiências de aprendizagem em seu mundo vivido, que inclui a escola. A ampliação de um campo existencial, entretanto, não se limita ao tempo escolar, mas pode ser considerada uma aventura pela vida toda. Embora na trajetória de vida existam pessoas que podem, em vez de ampliar, restringir e muito seu campo existencial e não apenas devido a um acidente que impede a atuação plena em vários campos, por exemplo, mas também por frustrações e derrotas sofridas no mundo do trabalho, da família, etc.

Resumindo, então, para a Educação Física vale de forma mais específica que seu ensino seja orientado para um abrir e ampliar o campo existencial dos alunos em seu Se-Movimentar. E isso só pode ocorrer quando se introduz os estudantes em atividades do Se-Movimentar realmente relevantes e significativas para todos.

Quando afirmei anteriormente que a Educação Física deve ensinar aos alunos a se – movimentarem melhor a partir das atividades da cultura de movimento, no caso o esporte, isso significa que devem então ser desenvolvidas determinadas competências, ou seja, que precisam melhorar algumas destrezas e habilidades. É essa mesma competência que é necessária para construir um campo existencial próprio. Essas competências não se referem às destrezas e habilidades padronizadas e fechadas, como já se questionou no início deste livro, mas sim a partir das condições pessoais e situacionais de cada aluno, o que envolve também um conhecimento sobre o que se está fazendo, sobre um “trabalhar junto com”, e inclusive deve significar um “sentimento de lidar com os outros e com as coisas em situações de se-movimentar”.

Enfim, a Educação Física orientada para a abertura e ampliação de campos existenciais dos alunos a partir do ensino dos esportes só pode acontecer se este passar por uma “Transformação didático-pedagógica”, conforme este livro se propôs a ensinar.

Neste sentido, a questão ético-pedagógica de um ensino de Educação Física para que os alunos aprendam a se-movimentar melhor no esporte fica ressaltada, pois a intenção pedagógica é atingir a todos os alunos, ou seja, que todos possam ter vivências de sucesso numa aula de Educação Física. Isso é um ensino de Educação Física com responsabilidade pedagógica e ao mesmo tempo responsabilizante, pois essa responsabilidade pode e deve ser aprendida por todos. Significa, em outras palavras, que o outro em situações de um se-movimentar deve ser respeitado e valorizado, apesar das diferenças. Uma Educação Física que introduz desta forma uma responsabilidade pedagógica séria não nega o rendimento do aluno. Esse

rendimento, contudo, deve ser um rendimento que une os alunos e não os afasta, como ocorre na maioria dos casos numa aula de esportes nos moldes tradicionais do alto rendimento.

Para não me alongar remeto o leitor à leitura do texto complementar do livro *Didática da Educação Física II* (2013) da Editora Unijuí e por mim organizado para o tema do rendimento na Educação Física e no Esporte.

Sobre o tema da Educação Física responsável e responsabilizante estou trabalhando em um resumo traduzido e comentado da tese do autor holandês Peter Heij sobre este assunto e que em breve deverá ser publicado em forma de livro por essa mesma editora.

REFERÊNCIAS

FENSTERSEIFER, P. E. *Desafios da Educação Física Escolar: entre o não mais e o ainda não*. Ijuí, 2008. (Mimeo.).

HEIJ, Peter. *Grondslagen van, verantwoord' bewegingsonderwijs – Filosofische en pedagogische doordenking van relationeel gefundeerd bewegingsonderwijs*. Budel: Damon, 2006. Tradução para o alemão: Andreas H. Trebels – Tradução para o português: Elenor Kunz.